

## DIÁRIO DE IRACEMA DE CARVALHO ARAÚJO: UMA HISTÓRIA FICCIONAL CRIADA A PARTIR DA APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Kaylani Dal Medico <sup>1</sup>  
Cristiane Paula Rosinski Chagas <sup>2</sup>  
Anibal Lopes Guedes <sup>3</sup>

### RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar o potencial que as tecnologias digitais podem ajudar a visibilizar contextos educativos a partir de uma ótica de aprendizado significativo e relevante ao contexto dos sujeitos; neste caso, acadêmicos do curso de Pedagogia, semestre 2022.01. Para tanto, foi criada uma *fanfic* no *spirit fanfics* e um *audiobook* sobre a temática Ditadura Militar no Brasil, de forma a contar a história de Iracema de Carvalho Araújo, misturando-a com a ficção. A metodologia de pesquisa é exploratória e documental, pois conta com textos de teor verídico. A ditadura militar foi um momento cruel na história do Brasil, queremos descrê-la no formato real e ficcional tendo como base uma história real. Obtivemos resultados de que as tecnologias digitais propiciam a potencialização de aprendizagens sobre a ditadura militar, através de vivências, habilidades e investigações sobre o tema, ao mesmo tempo que propiciam refletir sobre a própria reinvenção da Educação e das formas de ensinar e aprender.

**Palavras-chave:** Ditadura Militar; Tecnologias Digitais; Pesquisa Documental; Educação.

### INTRODUÇÃO

Quando uma democracia morre, são inevitáveis os estigmas deixados para a sociedade. Se estes impactos foram realizados pelo estado, é dever do estado e do poder público investigar, analisar, processar e achar soluções para os problemas que afetam sua população pela própria história que antes, era escrita por um governo autoritário, perverso e cruel, “Mas o Estado brasileiro não se mostra capaz, historicamente, de cumprir essa função. Foi assim com as populações indígenas dizimadas pelos colonizadores portugueses e, até hoje, alvo de massacres.” (REINA, 2019, sp.).

Em 31 de março de 1964 no Brasil, houve um golpe militar que derrubou o então presidente democraticamente eleito, João Goulart, começando um dos períodos mais autoritários e criminosos da história do Brasil, devido aos diversos ataques aos direitos

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS, [kaylanidamedico@hotmail.com](mailto:kaylanidamedico@hotmail.com) ;

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS, [cristianepaulachagas@gmail.com](mailto:cristianepaulachagas@gmail.com) ;

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutor em Educação, Universidade Federal da Fronteira Sul, [anibalguedes@gmail.com](mailto:anibalguedes@gmail.com).

humanos e à omissão das subjetividades. “As elites econômicas, políticas e militares, que depuseram o presidente João Goulart [...], não aceitavam os pressupostos ideológicos da política nacional-populista” (FERREIRA JR; BITTAR, 2008, p. 334), ou seja, tudo que restou para a elite conservadora brasileira que não aceitava a pressão das minorias para um estado socialista, foi realizar um golpe de estado, “[...] para tanto, o regime militar desencadeou um processo de supressão das liberdades democráticas desde os primeiros atos instituídos, a partir de abril de 1964” (FERREIRA JR; BITTAR, 2008, p. 335).

Na atualidade, temos muitas formas educacionais de abordar esse assunto e, com certeza, as tecnologias digitais (TD) podem potencializar as aprendizagens sobre esta temática. Para pensar no futuro da Educação,

[...] é preciso considerar as possibilidades de novos espaços de formação. Assim, é necessário admitir que o ciberespaço rompeu com a idéia de tempo próprio para a aprendizagem. [...], o espaço da aprendizagem é aqui - em qualquer lugar -, e o tempo de aprender é sempre (GADOTTI, 2000, p. 250 *apud* CARVALHO *et al.*, 2011, p. 111).

É para a dar intencionalidade que “[...] as propostas pedagógicas podem se apropriar das tecnologias digitais de forma a potencializar as aprendizagens, seja através de jogo/*game*, um aplicativo ou um simples editor de textos” (SCHLEMMER *et al.*, 2022, grifo nosso). Podemos trabalhar vários conteúdos, experiências, habilidades, interações, o sócio emocional e vivências. Não podemos negar que as tecnologias digitais formaram um outro mundo, outro universo, no qual podemos assumir qualquer forma.

Visto isso, podemos afirmar que as tecnologias estão na “Nova Educação” e no “Novo Mundo”, por isso, este artigo apresenta uma *fanfic*<sup>4</sup> e um *audiobook*<sup>5</sup>, que foram produzidos como forma para potencializar conhecimentos sobre a ditadura militar, por meio de tecnologias digitais.

Assim, nossa intenção é produzir uma *fanfic* unindo o real ao ficcional para contar a história de uma criança que viveu na época do Regime militar, tendo como subsídios a mídia social *spirit fanfics*. Nos aprofundaremos em como as tecnologias digitais são demasiadamente importantes para a visibilidade destas histórias verídicas como a ditadura militar.

Assim, utilizamos de pensamentos de autores como Ferreira Jr. e Bittar (2008), Zusak (2008), Carvalho *et al.* (2011), Ferreira e Gomes (2014), Reina (2019), Martins (2020), Barbosa, Fiastarol e Roepke (2022), Scolari (2022), Almeida e Valente (2022), Schlemmer *et*

---

<sup>4</sup> História criada com inspiração em outra.

<sup>5</sup> Livro falado, no caso, *fanfic* falada.

al. (2022), Rocha (2023) e Aggio *et al.* (2023). Os autores dissertam sobre vários aspectos da temática deste artigo.

A metodologia utilizada para este artigo é exploratória e documental com textos verídicos.

Por fim, o artigo divide-se em 3 seções. A primeira, apresenta a caracterização e história da ditadura militar Brasil (1964). A segunda, apresenta o referencial teórico que explora trabalhos semelhantes e atuais relacionados a temática de estudo. O terceiro, versa sobre a descrição da *fanfic* produzida. Ao final são apresentadas as considerações finais do trabalho.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A ditadura militar no Brasil teve seu início em 1º de abril de 1964, Jânio Quadros era presidente e João Goulart era vice-presidente. Este período foi bem conturbado, fazendo assim, com que o presidente renunciasse. Sendo assim, João Goulart seria o novo presidente, mas estava em uma viagem a China e ficou sabendo que os ministros militares anunciaram que se ele viesse assumir a posse seria preso, então assim aconteceu o golpe militar, que fez com que João Goulart (Jango) nem conseguisse assumir a presidência, quem fez o golpe era contra as propostas do governo que eram progressistas, para que fosse possível diminuir a desigualdade existente no país:

Retornando ao Brasil com parte da comitiva, mas ainda do outro lado do mundo, em Cingapura, Goulart hospedara-se no *Raffles Hotel*. Foi aí que, na madrugada do dia 26 de agosto (tarde do dia 25 no Brasil), ele foi acordado com pancadas na porta de seu quarto. Ao abrir, deparou-se com dois amigos e assessores assustados. A notícia era, de fato, tão imprevista como impactante. Jânio Quadros havia renunciado. Goulart era o novo presidente do país. (FERREIRA; GOMES, 2014, sp., grifo nosso).

A partir dos periódicos/jornais da época, como O Cruzeiro e a Manchete, foi que a grande maioria do público teve conhecimento do que estava acontecendo, ou seja, dependendo do como colocariam a situação nessas publicações, poderiam manipular uma massa de pessoas. Para Ferreira e Gomes (2014, sp, grifo nosso), “Aliás, essas eram as palavras presentes nas matérias e legendas das duas revistas que estamos citando nesta introdução. Tratava-se de uma rebelião ou de uma revolução. **Não se lê o termo golpe.**”

Mais importante do que o dia um de abril, apenas o dia dois. O povo, em sua ignorância, comemorava o regime militar, pois os periódicos em sua maioria tratavam como uma revolução e os cidadãos tinham medo que o ex-presidente eleito democraticamente

Goulart estivesse trazendo o comunismo ao país novamente, como podemos ver na citação seguinte, o vermelho quer fazer uma referência ao comunismo: “Vinte soldados do Regimento de Cavalaria da Polícia Militar, carregando lanças com flâmulas da corporação, abriam o desfile (...) Os cartazes empunhados eram sugestivos (...) **‘Vermelho bom, só batom’.**” (FERREIRA; GOMES, 2014, sp, grifo nosso).

A sociedade foi vítima de uma ditadura ideológica e desumana, mas, mesmo assim, em grande parcela comemorou. “À medida que a ditadura ia sendo desmascarada, evidenciando-se a prática da tortura e da censura que atingiu importantes setores sociais, inclusive a imprensa — **agente de formação de opinião pública** —, a lembrança de uma sociedade que festejou o golpe foi se tornando incômoda.” (FERREIRA; GOMES, 2014, sp, grifo nosso.). Se a imprensa é um agente de formação de opinião pública, uma notícia ou informação que fosse uma *fake news* alcançaria uma parte massiva da população brasileira.

No mundo tecnológico atual, toda ação é uma ação política, ou seja, uma ação dotada de intencionalidade, até mesmo no que diz a “neutralidade”. Então, nesse sentido colaboradores de disseminação *fake news* corroboram para a divulgação de propagandas políticas falsas tendo com subsídios as TD, o que visto até aqui, foi muito do que aconteceu durante a ditadura militar, “refere-se à propaganda política, que busca influenciar a percepção pública por meio de conteúdo supostamente informacional” (AGGIO *et al.*, 2023, p. 4-33).

A tortura, o desespero e toda a desumanização que ocorreu do período de 1964 a 1985 para com as minorias foi desprezível e real. Quem era contra o governo ditatorial, era caçado, preso, exonerado, e as famílias destas pessoas eram mortas ou sequestradas e esquecidas, por conta disso, uma das características do regime militar foi o autoritarismo (REINA, 2019).

As supressões das liberdades democráticas e individuais veio a piorar após a implementação do Ato Institucional n. 5 (AI-5), “[...] a partir de então, a ditadura militar, com base na censura imposta aos meios de comunicação de massa, produziu um conjunto articulado de ideias, valores [...]” (FERREIRA JR; BITTAR, 2008, p. 342).

Neste contexto de obediência plena e cegueira à autoridade, “o projeto Brasil Grande Potência que os governos dos generais-presidentes utilizaram para justificar a supressão das liberdades democráticas e, por conseguinte, a repressão política.” (FERREIRA JR; BITTAR, 2008, p. 343).

Ademais, outra característica do regime militar, bem marcante na Educação, é o tecnicismo, implantado pensando em um ensino unido à Economia, extremamente capitalista e produtivo, voltado para o mercado de trabalho:

Na esteira desse processo, o regime militar implementou as reformas educacionais de 1968, a Lei n. 5.540, que reformou a universidade, e a de 1971, a Lei n. 5.692, que estabeleceu o sistema nacional de 1º e 2º graus, pois ambos tinham como escopo estabelecer uma ligação orgânica entre o aumento da eficiência produtiva do trabalho e a modernização autoritária das relações capitalistas de produção. Ou seja, *a Educação no âmbito do regime militar foi concebida como um instrumento a serviço da racionalidade tecnocrática, com o objetivo de se viabilizar o slogan “Brasil Grande Potência”*. (FERREIRA JR.; BITTAR, 2008, p. 336, grifo nosso).

Portanto, é importante citar que o governo pensava a Educação na mesma esfera que a Economia, o que é um problema, pois, como cita Scolari (2022, p. 33), “[...] os desafios educacionais são mais profundos e complexos [...] do que propõem as teorias neoliberais, especialmente a de que o mercado pode resolver de modo mais eficaz todos os problemas da sociedade.”. O tipo de Educação que o governo oferecia deveria atender uma necessidade, “[...] era urgente a formação de mão de obra para aumentar a produtividade do PIB brasileiro [...] para o Estado tecnocrático, era preciso incorporar a massa da juventude que se constituía na prole das classes populares [...] a prole do gado humano.” (FERREIRA JR.; BITTAR, 2008, p. 346).

Na sequência, exploramos os trabalhos similares que têm como subsídios o tema de estudo.

## TRABALHOS SEMELHANTES

A potencialização das tecnologias digitais na aprendizagem é um assunto atual muito debatido por diversos pesquisadores, como por exemplo, Martins (2022) da UFRJ, Rocha (2023) da UTFP, Barbosa, Fistarol e Roepke (2022) da FURB, assim como as consequências e estigmas deixados para o Brasil atual pós-ditatorial também é um assunto que ganhou espaço e está sendo pesquisado. É demasiadamente importante notar que um objeto de estudo (como a ditadura militar) pode ficar mais acessível, pesquisado e mais bem encaixado na realidade do mundo dos discentes, que é o mundo moderno por meio das Tecnologias Digitais.

Para isso traremos três estudos semelhantes e relevantes a esse artigo dos últimos 5 anos (2018 – 2023). Os estudos foram encontrados no *google acadêmico*. Como strings de busca, empregamos: *fanfics and tecnologias digitais and “ditadura militar”*.

O artigo de Martins (2020), “Multiletramentos e Ideologias Linguísticas em Práticas Contemporâneas de Leitura e Escrita de *Fanfics*”, busca discutir práticas de letramentos contemporâneas que orientam as interações entre leitores e escritores de *fanfics* em plataformas *online* de autopublicação de *fanfics*.

Como professora da Educação Básica, sempre estive atenta ao impacto da mídia – e, mais recentemente, da mídia digital – nos processos de aprendizagem dos adolescentes. É por isso que alguns dos meus alunos estavam usando seus *smartphones* para ler as *fanfics* na aula, imediatamente chamaram minha atenção. Meu primeiro pensamento foi que você pode usar uma história popular como tarefa de leitura e, sem pensar muito, rapidamente pedi aos meus alunos sugestões de títulos. Para minha surpresa, eles me contaram histórias, eles não são escolhidos pelo título, mas por vários critérios diferentes compartilhados pelos fãs que escrevem e leem *fanfics online*. Então tomei consciência da noção de *fanfiction* como ficção escrito por fãs, isso não só foi insuficiente para entender as texturas das narrativas criadas e lidas por fãs, mas também exigiu um aprofundamento teórico do assunto. (MARTINS, 2020, p. 355, grifo nosso).

Rocha (2023) em seu artigo “Práticas pedagógicas no ensino superior com Internet das Coisas: metodologias, ferramentas e perspectivas futuras”, objetiva apresentar uma sistemática de metodologias de ensino com internet das coisas através de práticas interdisciplinares, em que espera chamar a atenção dos educadores para aplicar metodologias ativas por meio das tecnologias digitais no ensino superior:

Repensar a prática pedagógica frente às novas tecnologias é um desafio. Há um anseio de muitos estudantes de graduação que ingressam em instituições de ensino superior em ter uma visão ampla das possibilidades de aplicação prática dos conceitos aprendidos no mercado de trabalho. (ROCHA, 2023, p. 11).

Barbosa, Fistarol e Roepke (2022) publicaram o artigo “Reflexões sobre Linguagem e Tradução em Contextos de *Scanlation* e *Fanfic*”, no qual o objetivo é apresentar reflexões sobre a linguagem e a tradução em contextos de *scanlation* e *fanfic*, trazendo uma visão inovadora e com olhar pedagógico para a tecnologia digital *fanfic*.

Uma grande questão abordada foi a acessibilidade ao conteúdo/livro/história de origem e inspiração, que muitas vezes é apenas possibilitado a partir das *fanfics*.

As práticas educacionais têm sido vistas como separadas da realidade do indivíduo, desconsiderando se ele tem acesso a livros e conteúdo cultural, fugindo dos interesses e curiosidades do mesmo, “As atividades feitas para fins educacionais, seriam desligadas das práticas sociais do sujeito, sem significado para ele, [...] Repletas de aplicação mecanizada, de teor predominantemente teórico e acadêmico”. (BARBOSA; FIASTAROL; ROEPKE, 2022, p. 4).

Na sequência, exploramos as tecnologias digitais no contexto da ditadura militar.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO DA *FANFIC*

*Fanfic* é o nome dado para histórias criadas por fãs de *animes*, filmes, *mangás*, jogos, RPG, entre outras; podendo ser autorais ou construídas a partir de histórias já existentes. Em nosso caso optamos pela mídia social *spirit fanfics* para a produção de nossa *fanfic*.

As *fanfics* são um fenômeno sociocultural disseminado pelas redes sociais e *sites*, e estimulam o desenvolvimento e amadurecimento da expressão escrita e da leitura, por meio da produção de conteúdo narrativo baseado em temas da cultura pop. Sua relevância é confirmada pelo crescimento da publicação de trabalhos acadêmicos abordando a importância das *fanfictions* para a cultura e produção literária. (SPIRIT, 2001, grifo nosso).

A escola, percebendo os potenciais das TD, pode pensá-las de forma a desvendar novas aprendizagens e outras maneiras de ensinar (SCHLEMMER *et al.*, 2022). Poder se expressar, ler e poder ser lido, a partir de uma *fanfic*, por exemplo, é uma forma de trabalhar o sócio emocional do estudante, assim como, fazer uma pesquisa histórica ou falar sobre qualquer outro conteúdo do currículo escolar para, posteriormente, criar uma *fanfic* em uma plataforma digital, é uma forma de processo de aprendizagem também. Os autores Almeida e Valente (2022) embasados em Latour (2019) explicam que as TD influenciarão de forma profunda os processos educacionais provocando ressignificações de currículos e políticas públicas.

Assim, a *fanfic* é denominada “Diário de Iracema de Carvalho Araújo”, criou-se sobre o contexto histórico verídico brasileiro da ditadura militar e na mesma estrutura que: o “Diário de Anne Frank” (FRANK, 2000), também uma história verídica da segunda guerra mundial; no livro “A menina que roubava livros” (ZUSAK, 2008), no quesito de quem a morte é quem narra a história da menina que viveu durante a segunda guerra mundial, dando um tom ficcional à *fanfic*.

A narrativa se divide em 3 capítulos, cada um tocando em uma característica e área do regime militar, tendo a classificação indicativa para maiores de 16 anos.

Para construir uma narrativa, precisamos elencar os 5 elementos básicos deste gênero textual: o enredo, os personagens, o espaço, o tempo e o narrador.

Primeiramente vamos falar do enredo. O enredo é a trama, o que acontece, a sucessão de fatos que levam a história para frente. A *fanfic* traz a história baseada em fatos reais de uma criança chamada Iracema de Carvalho Araújo, misturada com acontecimentos fictícios da vida da menina durante o período da ditadura militar. Trata-se de uma menina que foi visitada pela morte 3 vezes e saiu suficientemente viva das 3, sendo que, em todas elas foram diante de situações-problema que o regime militar implantou para a sociedade.



Basicamente, Iracema é levada pela curiosidade de descobrir “Por que não posso fazer algumas coisas agora que tem soldados nas ruas” ou “Por que não posso falar isso em voz alta”, e a partir dessa inquietação vai atrás de respostas.

Pensamos nesta inquietação da menina para levar o enredo adiante, pois passou por muitas condições na vida real antes de ser sequestrada e torturada, como explica Reina (2019, sp.): “A noite de 19 de maio de 1964, quando sofreu torturas [...] não foi o primeiro contato com a repressão militar após o golpe de 1964. Antes, sofreu quando a mãe Lúcia Emília tentava se refugiar dos agentes de repressão.”

Depois do golpe, na visão de uma criança de 11 anos, muitas coisas mudam, a vida não é mais como antes. É perigoso ver os amigos ou sair sozinha, não questionar, não olhar de um jeito estranho para os policiais, ir para a escola não era mais divertido, em qualquer ambiente tinham olhos observando, como explicado por Ferreira e Gomes (2014, sp., grifo nosso):

Aliás, no clima que se instalou, *qualquer um podia ser suspeito de “subversão da ordem”*. Ninguém tinha garantias, nem mesmo os membros do Supremo Tribunal Federal. Um artigo no jornal O Estado de S. Paulo diz estranhar a maneira “inerte” como agia a “Revolução” diante de dois “comunistas”, referindo-se claramente aos ministros Evandro Lins e Silva e Hermes Lima. Em depoimento concedido nos anos 1990, Evandro Lins e Silva caracteriza o ‘*ambiente de terror, de pânico de todo mundo*’, inclusive no STF.

Todas essas descrições foram explicitadas no enredo de cada capítulo da *fanfic*.

Em segundo lugar, vamos explorar os personagens desta história. A protagonista é uma menina chamada Iracema de Carvalho Araújo, uma criança que viveu durante o período do regime cívico-militar, filha de professora e como já citado anteriormente, muito curiosa. Por estar diretamente ligada com sua mãe, Lúcia, que era considerada subversiva por motivos que veremos no decorrer do texto, foi sequestrada e torturada do mesmo jeito, pois, há de esconder o segredo do segredo, não há de sobrar nada para contar a história:

Os policiais haviam tirado a roupa de Iracema. Mas a cabeça permanecia envolta com o capuz de estopa. Ela recebia choques elétricos em várias partes do corpo, inclusive na vagina. Entrevia alguma coisa pelas tramas malfeitas do capuz improvisado. Hoje, ainda abalada, é capaz de descrever detalhes do que lhe aconteceu naquela noite. (REINA, 2019, sp.).

No *audiobook*, a voz de Iracema é narrada por uma das pesquisadoras, e para dar imersão ao ouvinte, utilizamos efeitos sonoros, como alteração do tom, para que a voz da personagem ficasse mais fina, transformando-a na voz da criança Iracema. Claramente, a interpretação, entonação e flexão de voz também foram características importantes para se construir as vozes dos personagens, no caso da Iracema, uma menina muito curiosa.



Com base nisso, foram citados também personagens coadjuvantes importantes para o avanço da *fanfic*. Um deles é o melhor amigo de Iracema, ele é chamado de Antoninho. Quando colocamos Antoninho na história, pensamos em honrar e citar o nome de outra criança que foi sequestrada durante a ditadura militar, modificando a história de vida do mesmo:

Documentos do Exército mostram que Antoninho, um menino que andava com os guerrilheiros no Araguaia, foi preso em 1974. Não há data exata da prisão. Antoninho era muito próximo de um dos líderes do PCdoB na região, Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão. José Vieira conta que o rapaz foi levado inicialmente para um quartel no estado do Rio de Janeiro. Depois os contatos foram perdidos. Não foi localizado. (REINA, 2019, sp.).

No *audiobook*, a voz de Antoninho foi interpretada e flexionada pela pesquisadora para deixar a voz mais infantil e “sapecada”, visto a personalidade do menino.

Cada personagem foi pensado para que desse maior significado na história, então tudo foi encaixado meticulosamente, cada nome carrega uma vida que se foi ou que está desaparecida. Vladimir Herzog (Vlado/Coadjuvante na *fanfic*) foi posto como pai de Antoninho na narrativa, embora não fosse verídico realmente, eles estão conectados na veracidade dos fatos por uma violência sem fim. Herzog foi um jornalista morto sob tortura no *Doi-Codi*, como explica e reflete Leal (2005, p. 6, grifo nosso)

E, finalmente, quiçá a maior de todas as questões: o que ocorreu no espaço entre a entrada de Vladimir no Doi-Codi e sua morte oito horas depois? Como pôde acontecer com alguém que tinha endereço fixo, emprego, família, se apresentou voluntariamente para interrogatório e, nas suas palavras, não era criminoso nem subversivo, podendo muito bem se explicar?

Para a voz de Vladimir Herzog no *audiobook*, utilizamos a edição de alteração de tom para deixá-la mais grossa e a voz teve uma entonação e flexão mais misteriosa, por ser um homem culto.

Paulo Reglus Neves Freire foi outro personagem que apareceu para acrescentar na história, também viveu no período da ditadura militar e foi exilado por ser considerado subversivo à ordem. Hoje declarado o patrono da Educação Brasileira, foi preso e considerado um criminoso por defender uma Educação Libertadora nos tempos do Regime Cívico-militar.

No *audiobook*, utilizamos alteração de tom para deixar a voz mais grossa e entonação para imaginar uma pessoa sábia.

E, por último, temos nossa outra coadjuvante chamada Lúcia Emília de Carvalho Araújo, mãe biológica e verídica de Iracema, condizente ao universo da *fanfic* e da realidade, por ser considerada subversiva à ordem exercendo seu papel de docente e militando no Movimento Popular, foi sequestrada juntamente com sua filha Iracema diretamente de sua

casa, foi torturada e morta/desaparecida, de seus vestígios e de herança apenas sobrando o sangue de seu sangue: Iracema, a única prova e quem poderia contar com todas as letras o que havia acontecido aquela noite, como podemos constatar abaixo:

A mãe, Lúcia Emília de Carvalho Araújo, era filiada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e militava no Movimento de Cultura Popular (MCP). Atuava também junto as Ligas Camponesas no lugarejo de Cova das Onças, em Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana de Recife. Dava aulas para alunos do ensino fundamental, filhos dos lavradores e moradores da periferia. A casa das duas foi invadida por policiais civis e militares à paisana. Foram encapuzadas. Usaram um saco de estopa feito de rafia dura para cobrir a cabeça das presas. O saco estava encardido e fedia muito, de acordo com relato de Iracema que consta em processo da Comissão de Anistia, do Ministério da Justiça. (REINA, 2019, sp.).

No *audiobook*, Lúcia é interpretada apenas com uma entonação de voz mais grossa pela narradora, fazendo-a parecer alguém cansada e adulta.

O espaço narrativo, ou seja, local no qual a *fanfic* se desenvolve fisicamente é onde Iracema morava na realidade com sua mãe, como expõe Reina em seu livro, “semanas após o golpe militar, uma garota que tinha, provavelmente, 11 anos estava em sua casa com a mãe, professora e militante política, na avenida Tapajós, Vila Tamandaré, zona oeste de Recife, Pernambuco.” (2019, sp.).

O tempo cronológico da narrativa se dá em semanas, “algumas semanas depois do golpe militar [...]”, “algumas semanas depois do desaparecimento de [...]”, e por fim uma diferença de anos no final da *fanfic*, tendo essa faixa de tempo mais afastada para poder dar coerência aos fatos da história, sendo contextualizado no tempo da Ditadura Militar no Brasil, com suas características mais marcantes, no ano de 1964, pois foi o tempo em que nossa protagonista viveu. O tempo psicológico da narrativa, por sua vez, seguindo o fluxo de pensamento do narrador, passado, presente e futuro se misturam na história.

Por fim, surpreendentemente o narrador desta narrativa é a própria Morte. Baseado no livro *A menina que roubava livros*, tivemos a ideia de que a Morte poderia narrar esta história, visto que o que mais havia durante o período do regime militar eram almas vagando e penando por suas vidas pelas ruas e pelas lixeiras do *Doi-Codi*.

No *audiobook*, utilizamos a edição de alteração de tom para deixar a voz da “Morte” mais grossa, assim como, uma entonação que varia dependendo do momento, às vezes mais engraçada e sarcástica, muitas vezes séria e assombrosa, assim como em alguns momentos colocamos eco para dar profundidade no local onde ela está falando, como na prisão. Na voz do chefe da morte utilizamos uma voz mais grossa do que a morte, para dar a impressão de que essa chefia é mais fria, não tem sentimentos como a Morte e só manda a Morte matar.

Toda a *fanfic* foi pensada para integrar o leitor à história, tendo sua descrição detalhista para fazer sentir-se ali, junto à protagonista, para desbravar o determinado período histórico escolhido, informar, conscientizar e disseminar *fake news* que muito são presentes na atualidade sobre a ditadura militar.

Quanto aos capítulos, o primeiro capítulo tem o título de “Brasil Ame-o ou Deixe-o: Jornais, Receitas e Desaparecimentos”, justamente por se tratar das censuras dos periódicos e desaparecimentos sem deixar nenhum rastro de cidadãos e a família destes que fossem considerados pelo governo subversivos à ordem, “Assim como os jornais, tais revistas cobrem de maneira cuidadosa os fatos decorridos entre o fim do mês de março e os primeiros dias de abril de 1964.” (FERREIRA; GOMES, 2014, sp.).

O segundo capítulo tem o título de “Capital Humano: Mamãe, Minha Escola virou Indústria”, apresenta o Paulo Freire e traz a situação educacional que estava sendo implantada na época: uma escola que estimulava a produtividade, colocando a educação no mesmo setor que a economia, extremamente tecnicista, priorizando o mercado de trabalho e capitalizando também os corpos e mentes, tendo como foco a modelagem da disciplina dos indivíduos: repostas prontas, sem reflexões, sem perguntas.

O terceiro capítulo é intitulado de “55 Anos é Pouco Para Esquecer”, é nele que a história se conclui, mas ainda se torna inacabada, uma história que não teve justiça. É neste capítulo que tocamos na experiência real documentada por Iracema de Carvalho Araújo, já em sua terceira idade.

Os capítulos seguem uma sequência mais específica quando perto do final, com cada vez mais descobrimentos da protagonista sobre o que estava acontecendo até a fala final, depois de muitos anos. Essa ordem é colocada especificamente para ir chocando aos poucos, ir amedrontando e atizando o leitor devagar, mostrando todas as desumanidades que aconteceram na época, cujo não pouparam nem uma inocente criança.

## CONCLUSÕES

É necessário reinventar a Educação, o contexto do século XXI é de uma massa informacional e de tecnologias digitais, a escola/universidade e sua rede como um todo não podem negar ou rejeitar este cenário.

Banalizar os instrumentos e metodologias que emergem a partir das TD é rejeitar a história da nova geração e da escola pós-pandemia. As TD propiciaram aos pesquisadores a potencialização dos conhecimentos sobre a ditadura militar, pois possibilitam vivências,

habilidades, conhecimentos e investigações a partir de plataformas digitais acessíveis para estudo. Além disso, permitiram a prática investigativa de forma a refletir: A ditadura teria sido apoiada por tantos cidadãos como vimos em desfiles da época? A ditadura realmente teria acontecido ou durado tanto tempo se houvesse a disseminação de informações falsas?

Podemos concluir que, as tecnologias digitais não são apenas “meros instrumentos”, mas, sim, entidades que também fazem parte de nosso viver e conviver.

Agradecemos a acadêmica Jadislaine Nogueira por ter participado da construção deste artigo juntamente aos autores.

## REFERÊNCIAS

AGGIO, C.; *et al.* Fake News e o Repertório Contemporâneo de Ação Política. **DADOS**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 2, p. 1-33, 2023.

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. Tecnologias e educação: legado das experiências da pandemia COVID-19 para o futuro da escola. **Panorama Setorial da Internet**, São Paulo, SP, n. 2, a. 14, jun/2022. p. 1-12.

BARBOSA, I.V.; FIASTAROL C.F.S.; ROEPKE J. L. REFLEXÕES SOBRE LINGUAGEM E TRADUÇÃO EM CONTEXTOS DE SCANLATION E FANFIC. **Organon**, Porto Alegre, RS, v. 35, n. 68, p. 1-17, 2020.

CARVALHO, A. B. G.; *et al.* **Tecnologias Digitais na Educação**. Campina Grande, PB: edupb, 2011.

FERREIRA JR, A; BITTAR, M. Educação e Ideologia Tecnocrática na Ditadura Militar. **Cad. Cedus**, Campinas, SP, v. 28, n. 76, p 333-355, set/dez. 2008.

FERREIRA, J.; GOMES, A. C. **1964**: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2014.

FRANK, A. **O diário de Anne Frank**. Edição integral. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Record,. 2000.

LEAL, E. A. Não Era Criminoso, nem Subversivo, poderia se Explicar : A História De Vladimir Herzog Por Paulo Markun. **Fênix**, Uberlândia, MG, v. 2, n. 4, dez/2005. p. 01- 07.

MARTINS, P. de S. Multiletramentos e ideologias linguísticas em práticas contemporâneas de leitura e escrita de fanfics. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 59, n. 1, p. 353–385, 2020.

REINA, E. **Cativeiro Sem Fim**: A História dos bebês, crianças e adolescentes sequestrados pela ditadura militar no Brasil. São Paulo, SP: Alameda, 2019.



ROCHA, L. A. **Práticas pedagógicas no ensino superior com Internet das Coisas: metodologias, ferramentas e perspectivas futuras.** Texto Livre, Belo Horizonte, MG, v.16, n. 38608, jan. 2023.

SCHLEMMER, E.; *et al.* **O HABITAR DO ENSINAR E DO APRENDER: Desafios para/na/da Educação OnLIFE.** São Leopoldo, RS: Casa Leiria, 2022.

SCOLARI, A. P. **PARA ALÉM DA FORMAÇÃO NEOLIBERAL DE CAPITAL HUMANO: NUSSBAUM E A FORMAÇÃO ENQUANTO CULTIVO DA HUMANIDADE.** Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS. f. 145. 2022.

ZUSAK, M. **A Menina que Roubava Livros.** Rio de Janeiro, RJ: Editora Intrínseca, 2008.